

URBANIZAÇÃO DO OESTE DO PARANÁ

BLANCK, Priscila Laís¹

PAINI, Amanda²

GONZAGA, Caruline Daieli³

COSTA, Luana Thaís Cechim⁴

MADUREIRA, Eduardo Miguel Prata⁵

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar as taxas de urbanização do oeste do estado do Paraná, identificando as cidades mais urbanizadas para posteriormente entender os benefícios e os desafios consequentes do aumento da urbanização das mesmas e demonstrar a importância do planejamento regional para o desenvolvimento dos municípios.

PALAVRAS-CHAVE: Urbanização, Oeste, Paraná, Desenvolvimento.

1 INTRODUÇÃO

Considerando-se a urbanização do oeste paranaense, nota-se que o município de Cascavel desde os anos 1980 apresenta-se com taxa de urbanização elevada, maior inclusive que a do estado. Outro município de destaque é Foz do Iguaçu que desde o início das obras da Usina de Itaipu teve um incremento nas taxas de urbanização. Nos últimos dez anos, vários municípios apresentaram uma evolução em suas taxas de urbanização.

Assim as cidades de Foz do Iguaçu, Toledo e Cascavel chamaram atenção por serem polos de crescimento econômico e promoverem movimentos pendulares, que muitas vezes, tornam-se migrações permanentes.

Estabeleceu-se como problema de pesquisa quais os municípios mais urbanizados do oeste do Paraná? Visando responder à pergunta proposta elencou-se como objetivo geral avaliar os índices de crescimento da urbanização do oeste do Paraná, a fim de entender seus benefícios e os desafios para então evidenciar a importância do planejamento regional para o desenvolvimento dos

¹ Aluna do oitavo período de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: priscila_lais@hotmail.com

² Aluna do oitavo período de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: amandaa.paini@hotmail.com

³ Aluna do oitavo período de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: carulinegonzaga@hotmail.com

⁴ Aluna do oitavo período de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: lubb.costa@hotmail.com

⁵ Economista. Mestre em Desenvolvimento Regional. Professor do Centro Universitário FAG e da Faculdade Dom Bosco. E-mail: eduardo@fag.edu.br

municípios. De um modo específico, pretendeu-se com esse trabalho avaliar os índices de crescimento da urbanização do oeste do Paraná; entender os benefícios e os desafios do aumento da urbanização das cidades; demonstrar a importância do planejamento regional para o desenvolvimento dos municípios.

Visando uma melhor leitura, este trabalho foi dividido em 5 capítulos. Iniciando com a introdução, na sequência a fundamentação teórica que faz um embasamento sobre urbanismo e o oeste do Paraná, seguido pela metodologia científica que mostra os métodos de pesquisa. Nas análises e discussões foram exibidos os dados coletados para posteriormente serem feitas as considerações finais.

2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1.URBANISMO

Desde a antiguidade, inicia-se a formação das cidades, conforme Dias (2005), na Grécia antiga, já havia a organização de cidade-estado. Ao longo do tempo, as cidades sofreram inúmeras mudanças. Lamas (2000), justifica a cidade como um organismo vivo, que sempre está em contínua modificação, assim para Lamas (2000), a evolução da cidade é um fato natural, sendo assim a chave do problema consiste em controlar essas transformações.

Consoante Benevolo (2014), a palavra cidade entende-se em dois sentidos: para indicar uma organização da sociedade concentrada e integrada, que já conhecemos desde os tempos primórdios. Posteriormente, na forma física corresponde à organização e contém numerosas informações sobre as características da sociedade. Seguindo assim, é na cidade, local privilegiado e com autoridade que nascem as aldeias, que são as primeiras aglomerações sociais. O aumento da densidade populacional vai, aos poucos, transformando essas antigas aldeias em cidades, e conseqüentemente provocando alterações na esfera da organização social.

Segundo Benevolo (2009), as cidades começam a tomar forma, quando indústrias e os serviços já não são executados pelas pessoas que cultivavam a terra, o que fica mais nítido no período da Revolução Industrial. Porém são ao redor desses territórios que se formaria uma

sociedade, que no futuro, através dos frutos da terra, buscaria nas trocas comerciais, dando início a vida econômica.

É com o grande acontecimento da Revolução Industrial, que as grandes mudanças começam a aparecer nas cidades, inclusive gerando impactos atuais. De acordo com Benevolo (2004), no princípio da Revolução Industrial, cerca de quatro quintos da população era concentrada no campo; por volta de 1830 a população urbana é quase igual à rural, enquanto que, em nossos dias, a proporção foi invertida e os quatro quintos dos ingleses vivem na cidade. O advento da Revolução Industrial, não somente impulsionou o deslocamento campo-cidade, conforme Dias (2005), também impulsionou à construção civil, que a partir daquele momento as casas poderiam ser construídas em massa. Dessa forma, todas essas transformações, trouxeram os problemas urbanos e de moradia.

Assim, Harouel (2001), destaca a proliferação de cortiços, as famílias operárias amontoam-se em locais estreitos e sem conforto. Dessa maneira, Marcondes (1999), descreve que as formas de urbanização inadequadas, podem causar escassez de água, a contaminação dos mananciais e enchentes. Além disso, Secovi (2000), complementa que as drenagens das águas pluviais no meio não alterado podem causar infiltração no solo um aspecto muito importante evitando as enxurradas e o carreamento do solo para os córregos e rios. Com a ocupação urbana, o equilíbrio natural é rompido e grande parte do solo impermeabilizada.

Consequentemente, Lamos (2000), apresenta que o urbanismo veio como forma de dominar o território e seus mecanismos de transformação: construir, adaptar ou conservar o espaço. É nesse momento, Benevolo (2004), consta que – e particularmente nas duas décadas entre 1830 e 1850 – nasce a urbanística moderna. No Brasil, Gonzales; Holanda; Kohlsdorf; Farret (1985), expressa que o urbanismo nasceu como herança direta do urbanismo progressista europeu, e através da França, país que já se ligara intimamente à nossa arquitetura através da Missão Francesa, no Segundo Império.

Em 1930, o processo do planejamento das cidades, ganha destaque, começa a se pensar em funcionalização dos espaços, em organização de hierarquias viárias eficiente e a definição de políticas de construção mediante códigos edificatórios vinculados a padrões urbanos assim esses aspectos caracterizavam uma faceta da modernização dos grandes centros urbanos do país. Diante desse contexto, Argan (1998), situa a importância do desenho urbano, que implica o pensamento de que, na cidade realiza-se um valor de qualidade, na medida em que, por postulado, qualidade e quantidade sejam entidades proporcionais. Desse modo, observa-se que as intervenções na superfície, sem um planejamento que considere, corretamente, as características geológicas do

local onde a malha urbana está instalada, interferem na qualidade de vida da população, fato já fartamente evidenciado através da poluição do ar, das situações de desconforto ambiental e das frequentes inundações que refletem peculiaridades dos climas de nossas cidades.

Todas essas mudanças históricas provocaram inúmeras mudanças na sociedade e na maneira que a cidade se relaciona com o seu meio. Após a era da industrialização, entra-se no período pós-moderno, novas tecnologias, a revolução científica.

O desenvolvimento das cidades cria um novo ciclo de acumulação e produção, com a expansão de novas atividades. Dessa forma, surgem “novos” problemas como falta de infraestrutura, mudanças de zoneamento. Segundo Leite (2012), a expansão caótica das cidades causa dificuldades de administração e de controle de fiscalização do uso do solo, além de precariedade na distribuição de infraestrutura, problemas de congestionamento e tráfego, modelos ineficientes de moradia, aumento da poluição, do desmatamento, da violência e da degradação do meio ambiente.

Hoje, com a globalização, o território brasileiro passa por uma grande mudança. Mudam as dinâmicas demográfica, ambiental e urbana, além das econômica e social. Conforme Maricato (2013), priorizou-se a urbanização da cidade informal ou ilegal, que era despercebido até então para o urbanismo e as administrações públicas. Como Leite (2012), o crescimento das cidades retrata maior pressão sobre recursos energéticos e hídricos, maior necessidade de descarte e tratamento de resíduos sólidos e líquidos, e maior poluição do ar.

2.2 O OESTE PARANAENSE

O oeste paranaense esta compreendido entre as microrregiões de Toledo, Foz do Iguaçu e Cascavel, este território foi ocupado por indígenas, espanhóis e pertenceu a capitania de São Paulo, onde se formou o território federal do Iguaçu. Após vários tratados com a Espanha, o território foi anexo ao Brasil, passando a pertencer a província de São Paulo, e mais tarde obtendo sua emancipação, em 1853, após este período diversos imigrantes europeus passaram a fazer parte integrante da província do Paraná (PRIORI, 2012).

O processo de ocupação do Paraná se deu em quatro etapas, sendo a mais antiga, a ocupação de grupos indígenas que popularam o território e foram reprimidos, a segunda fase, onde a participação e presença de padres jesuítas espanhóis que espalharam suas missões pelo território, a

terceira etapa ocorreu entre 1881 e 1930, foi a introdução do sistema das obrages, entre foz do Iguaçu e Guaíra, com o objetivo de extrair a erva-mate e a madeira e por fim, a última fase se deu pelas empresas colonizadoras que efetivaram a colonização moderna do Oeste (WACHOWICZ, 1988).

Segundo Priori (2012), no início do século XX, houve um aumento significativo no número da população, isso se deu devido ao aumento do número de imigrantes vindos do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Na década de 1920, ocorreu uma forte entrada de imigrantes alemães e italianos que se estabeleceram principalmente no campo. Em 1930, o governo implantou o movimento chamado marcha para o oeste, onde incentivava a migração para a ocupação de terras nas fronteiras e no interior, dando prioridade para as empresas para a exploração da madeira, erva-mate e a colonização da região Oeste, este movimento gerou a construção da BR-035. Em 1931, o estado reivindicou as terras destinadas as indústrias e passou a vender para empresas ou particulares, a partir disso foram iniciadas duas frentes de colonização, a pública e a privada, as empresas do setor privado obtiveram maior sucesso, isso se dá devido ao fato destas possuírem experiência em como desenvolver a região e assim sua própria empresa.

3 – METODOLOGIA CIENTÍFICA

Segundo Cervo e Bervian (2007), o método científico quer descobrir a realidade dos fatos e ao serem descobertos devem, por sua vez, guiar o uso do método. Entretanto, como já foi dito, o método é apenas um meio de acesso; somente a inteligência e a reflexão são capazes de expor os fatos e os fenômenos como realmente são. O método científico segue o caminho da dúvida sistemática metódica, que não se confunde com a dúvida universal dos céticos, que é impraticável. O cientista, sempre que lhe falta a evidencia como arrimo, precisa questionar e interrogar a realidade.

A metodologia adotada foi a coleta de dados em bibliografias, artigos, internet, teses, periódicos, analisando conceitos básicos e correlatos. A pesquisadora juntamente com o orientador fez as análises dos dados obtidos para posteriormente definirem se a proposta é adequada, encaminhando para a comprovação ou não das hipóteses.

Pesquisa bibliográfica procura esclarecer um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos. Procura conhecer e analisar as contribuições culturais e científicas do

passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema. A pesquisa bibliográfica é meio de formação por excelência e constitui o procedimento básico para os estudos monográficos, pelos quais se buscam o domínio do *estado da arte* sobre determinado tema (CERVO e BERVIAN, 2007). Já a análise de dados, segundo Lakatos e Marconi (2003) consiste na tentativa de evidenciar as relações existentes entre o dado estudado e outros fatores. Na análise, o pesquisador entra em mais detalhes sobre os dados recolhidos através do trabalho estatístico, a fim de conseguir respostas às suas perguntas, procurando estabelecer as relações necessárias entre os dados adquiridos e as hipóteses formuladas, que serão comprovadas ou refutadas, mediante análise.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Inicialmente as atividades da região Oeste do Paraná eram basicamente extrativistas e a população concentrava-se em áreas rurais, com o passar do tempo, além das transformações nas bases produtivas, houve também uma mudança na configuração espacial da população, que passou de rural para urbana. (RODRIGUES e MISAEL, 2015, p.11)

Assim, nos anos 2000, a região Oeste do Paraná estava estruturada em torno dos eixos urbanos formados por Cascavel, Toledo e Foz do Iguaçu, de modo que Cascavel e Toledo se desenvolveram em torno da produção agroindustrial, enquanto Foz do Iguaçu desenvolveu as atividades turísticas e comerciais, devido às fronteiras internacionais (IPEA, 2000).

Foram utilizados os dados do grau de urbanização, que foi coletada no Instituto Brasileiro de Geografia e estatística – IBGE.

Tabela 1 – População Censitaria

Município	População
Cascavel	286.205
Foz do Iguaçu	256.088
Toledo	119.313
Marechal Cândido Rondon	46.819
Medianeira	41.817
Assis Chateaubriand	33.025
Guaíra	30.704
Palotina	28.683
São Miguel do Iguaçu	25.769

Santa Helena	23.413
Santa Terezinha de Itaipu	20.841
Terra Roxa	16.759
Corbélia	16.312
Matelândia	16.078
Capitão Leônidas Marques	14.970
Cafelândia	14.662
Guaraniaçu	14.582
Nova Aurora	11.866
Três Barras do Paraná	11.824
Céu Azul	11.032
Missal	10.474
Santa Tereza do Oeste	10.332
Catanduvas	10.202
Itaipulândia	9.026
Jesuítas	9.001
Vera Cruz do Oeste	8.973
Tupãssi	7.997
Boa Vista da Aparecida	7.911
Nova Santa Rosa	7.626
Formosa do Oeste	7.541
São Pedro do Iguaçu	6.491
Ibema	6.066
Braganey	5.735
Ouro Verde do Oeste	5.692
Maripá	5.684
Lindoeste	5.361
Mercedes	5.046
Diamante D'Oeste	5.027
Pato Bragado	4.822
Serranópolis do Iguaçu	4.568
Campo Bonito	4.407
Ramilândia	4.134
Entre Rios do Oeste	3.926
Santa Lúcia	3.925
São José das Palmeiras	3.830
Quatro Pontes	3.803
Diamante do Sul	3.510
Anahy	2.874
Iracema do Oeste	2.578
Iguatu	2.234

Fonte: IPARDES (2016) e IBGE (2016), organizados pelas autoras.

Os dados para o período revelam uma intensificação do processo de urbanização, com destaque para os municípios de Foz do Iguaçu e Cascavel, que apresentaram os maiores valores do período.

A partir dos dados foi compreendido a importância do planejamento urbano para as cidades, devido ao fato da cidade estar em constante movimento, como sua população, esta deve ser analisada e planejada constantemente, visando as características de cada cidade e população, como em Foz do Iguaçu onde o turismo é a característica mais marcante ou em cidades onde a concentração de indústrias é alta, trazendo vários trabalhadores, o que conseqüentemente muda a estrutura e a mobilidade da cidade, o planejamento urbano busca trazer para a população uma melhor qualidade de vida por meio das infraestruturas necessárias e mobilidade urbana.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Afim de abordar o máximo possível de aproximações teóricas referente ao tema sobre a urbanização do oeste do Paraná, compreende-se o início das cidades, a formação do urbanismo até os dias atuais, também as conseqüências que a expansão urbana trouxe a população. Foi visto como as formações das cidades, a forma como as culturas e o meio influenciam os habitantes, o que se torna relevante para a compreensão da sociedade atual e como o homem se ocupa do espaço, através do desenho urbano.

No decorrer da pesquisa, observou-se que o aumento da população é algo constante e o crescimento das cidades é algo natural, como nas cidades de Cascavel e Foz do Iguaçu. Cabe ao planejador urbano, profissional que além de arquiteto e urbanista, deve conhecer os campos da sociologia, geografia e economia, afim de buscar soluções para o espaço urbano, com intenção de melhorar a qualidade de vida da população e da infraestrutura urbana, pensando em cidades mais justas e inclusivas. As cidades necessitam de um planejamento urbano bem elaborado e demandam em repensar seus princípios os objetivos básicos, pois visto que há um grande crescimento populacional, exige que o poder público comece a planejar em favor do bem-estar social, caminhando para atitudes inteligentes através de uma boa administração e uso correto do solo.

Além disso, cabe ao planejamento evidenciar que a cidade precisa acolher aos objetivos ambientais, sociais, culturais e políticos bem como aos objetivos econômicos e físicos, fazendo parte o exercício de autoridades, lideranças, setores empresariais e dos cidadãos.

REFERÊNCIAS

- BENEVOLO, L. **História da Arquitetura Moderna**. 3 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.
- CERVO, A; SILVA, R; BERVIAN, P. **Metodologia Científica**. São Paulo: Prentice Hall Brasil, 2006.
- DIAS, S. **História da Arquitetura I**. Cascavel: CAU-FAG, 2005.
- GONZALES, S; HOLANDA, F; KOHLSDORF, M; FARRET, R. **O Espaço da Cidade**. 1ª ed. São Paulo: Projeto, 1985.
- HOROUEL, J. **História do Urbanismo**. 3 ed. Campinas: Papirus, 2001.
- LAMOS, J. **Morfologia Urbana e o Desenho da Cidade**. Dinalivro, 2000.
- LEITE, C. **Cidades Sustentáveis, Cidades Inteligentes: desenvolvimento sustentável num planeta urbano**. Porto Alegre: Bookman, 2012.
- MARCONDES, M. **Cidade e Natureza**. 1 ed. São Paulo: Edusp, 1999.
- MARICATO, E. **Cidades Alternativas para a Crise Urbana**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- PRIORI, A., et al. História do Paraná: séculos XIX e XX [online]. Maringá: Eduem, 2012. A história do Oeste Paranaense. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. acesso em 30 de ago. 2016
- Revista Raega UFPR. Disponível em <<http://revistas.ufpr.br/raega/article/viewFile/5505/9080>> acesso em 9 de ago. 2016.
- SECOVI. **A Indústria Imobiliária e a Qualidade Ambiental**. São Paulo: Pini, 2000.
- TSCHÁ, P, C, O; RIPPEL, R; LIMA, F, J. **Transformação Produtiva, Urbanização, Industrialização e Migração no Oeste do Paraná**. Disponível em <http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2010/docs_pdf/tema_6/abep2010_2132.pdf> acesso em 9 ago. 2016
- WACHOWICZ, R. C. **História do Paraná**. Curitiba: Vicentina, 1988.